ANO 13.º — Sabado, 26 de Junho de 1920 — Numero 629

O DEMOCRATA

SEMANARIO REPUBLICANO DE AVEIRO

DIRECTOR e EDITOR
Arnaldo Ribeiro

—==(*)==—

PROPRIEDADE da EMPREZA

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO
«*Tipografia Social*», de Procopio d'Oliveira—ILHAVO.

Redacção e Administração, Rua Direita, n.º 54—AVEIRO

Qual sería o republicano que indicou ao respectivo ministro o nome do monarquico padre Antonio Fernandes Duarte Silva para presidir ao tribunal dos desastres no trabalho?

Qual sería o republicano que assim concorre para o desprestigio das instituições, tornando-as um feudo dos seus declarados inimigos?

A PIQUE

Mais uma ruidosa e vergonhosa sessão parlamentar; mais uma crise ministerial; mais agitação politica, efervescencia nos espiritos, fogo nas almas; mais luto nos corações.

A Patria corre perigo? E' dificil a vida pelo constante aumento de preços dos generos de primeira necessidade? Atravessa Portugal um calamitoso periodo de decadencia e miseria? Mas que importa isso, se em primeiro logar estão as ambições dos que tudo querem ser apezar da falta manifesta de competencia que a cada passo nos estão dando?

Sejâmos francos: é tempo de acabar com a petulancia e com a audacia dos ambiciosos politicos que tudo comprometem, preparando-nos a maior das calamidades. Ha problemas gráves a resolver. Na cabeceira do rol, a questão financeira, o que não quere dizer que as outras, como a das subsistencias, não mereçam, igualmente, uma rapida intervenção tecnica de modo a garantir-nos melhores dias do que aqueles que estamos vivendo. Unam-se todos os homens de acção e de competencia, todas as energias, todas as bôas vontades para esse fim. Ponha-se de lado a hipocrisia, arrume-se a falsidade, despreze-se o vil interesse. Chegou a hora dos maximos sacrificios.

Mas... que estâmos nós a dizer se á evidencia está mais que provada a falta de patriotismo duma grande parte dos dirigentes da nação? Que estâmos nós a dizer se o país é Lisboa e Lisboa tem o maximo despreso pelas reclamações da provincia, cuja voz se perde no espaço infinito das coisas vagas? Pois será possivel a regeneração da Patria com gente que se compraz em fomentar a desordem e o escandalo, com gente que vive da imoralidade, que exala podridão, que cultiva o crime, que desce a todas as baixêsas com tanto que a deixem satisfazer as suas vaidades, dar largas ao seu enfatuamento?

Não. Decididamente, não.

A Patria afunda-se porque ninguem já é capaz de deter na sua marcha avassaladora os corruptos que a transformaram num verdadeiro, num autentico *pinhal da Azambuja*, campo de operações de todo o fiel patife que do roubo faz profissão, da intriga modo de vida, do impudor a unica razão da sua existencia.

A Patria afunda-se, perde-se, estatala-se, vai a pique, porque, infelizmente, estamos em presença, não duma crise politica, mas duma crise grande, duma crise enorme de caracter, que prevalece sobre todas as outras crises e dá origem aos mais desencontrados embates a que a Republica continua sugeita sem haver quem a livre de semelhantes galfarros, correndo-os a chicote ou inutilisando-os de vez, como se faz ao que não presta e no caso presente se justificaria em nome dos interesses da nação.

A Patria afunda-se, sim. No entretanto que a responsabilidade vá a quem toca e não áqueles que, como nós, tudo teem sacrificado pelo país sem outro interesse que não seja prestigiar a Republica.

Films...

Novidade

Só por um diario de Lisboa, de ha dias, tivemos conhecimento de que o sr. Urbano Rodrigues, in illo tempore secretario do sr. Afonso Costa e recentemente promovido a comendador da Ordem de S. Tiago da Espada, depois de ter abandonado a vida jornalistica ha anos, abandonou tambem a actividade politica logo em seguida aos sucessos de Monsanto, para se dedicar d'alma e coração á literatura em que marca já, diz o mesmo jornal, assinalados triunfos.

Agora, por exemplo, vai ele —A caminho do amor...

Se fôr tão feliz como durante a sua carreira politica, está aqui está marquês...

Biscas

Primeira que te escrevo... no Mundo:

Há nesta infeliz terra um bando de cabotinos que se imiscui nas repartições publicas, como cotão em flanela velha, á conquista e perseguição de todas as comendas e títulos honorificos que o regime republicano, por mal dos seus pecadilhos, enfaticamente ressuscitou.

E como se não bastassem as várias ordens, os vários comendadores, os honoráveis grã cruzes e os impávidos cavaleiros disto, daquilo e daquel'outro, surdiram as mesmas gaivotas a bicar também nos pobres santos e santas da côrte do céu e vai daí os graus de nobreza, invadirem a senhora Maria do Castelo, o sr. Antonio de Bulhões, o sr. Nuno Alvares e até, crêmos, o sr. Benedito que é apostolo da raça negra e que, para nós, nestes tempos calamitosos de subsistências, precisa de ser bem acaparado porque segundo reza o orago:—Benedito não comia, nem bebia, andava sempre gordito.

Temos que tanto môço fidalgo armado e tanto cavaleiro investido, aqueles devem sêr para regosijo da leziria Cadaval, estes, para, com as suas montadas, concorrerem á desaglomeração das plantaformas dos electricos.

Bôa pecegada.

Ora tome, o comendador Urbano!

═══

Segunda, idem, idem, aspas:

Há uns tempos que ouvimos repetidas vezes dizer: Para ser *leader* são precisas tantas e tão complexas aptidões, etc., etc., etc.

Ora a verdade é que isto é dito com exclusivo fim de desvalorizar uns para valorizar outros. Uma espécie de conto do vigário.

E' claro que *leader* não pode ser qualquer *Pintalegrete*, mas também não é preciso nenhum sùper-homem.

Basta que não seja burro.

O *Leader*, podendo ser, deve saber fazer um grande discurso para os grandes dias, mas sobretudo deve saber *na ponta da liugua* o regimento e conhecer bem o valor dos seus correligionários.

O *leader* não tem por obrigação conhecer todos os assuntos e discuti-los, tem por obrigação saber quais os deputados que teem a devida preparação para defender êste ou aquele projecto e disso o encarregar.

E' isto que deve ser o *leader*... e não um burro carregado de livros.

Ora tome, o sr. Barbosa de Magalhães!

O valor dum homem

Do Camaleão:

Até aqui computava-se em um conto o valor dum homem. Com a atual carestia de tudo, esse valor quintuplicou. Póde, portanto, dizer-se que um homem vale, presentemente, cinco contos, embora alguns haja pelos quais ninguem daria cinco reis.

Concordâmos. Nós, pelo Bichêsa, *nem um... mal cheiroso... Pelo* Bichêsa, *pelo* Flautas *ou qualquer dos da quadrilha.*

Como eles se fazem

O ministro das Finanças do govêrno Antonio Maria Baptista taes provas deu da sua incompetencia numa das ultimas sessões parlamentares, que acabou por declarar não ter tido culpa alguma de que o fizessem ministro. Lutou, disse, até ás 5 horas da manhã, recusando obstinadamente a pasta. A essa hora, porêm, o falecido presidente, o coronel Baptista, não esteve com mais preambulos: revestido da sua autoridade de militar transmitiu-lhe a ordem terminante para aceitar acompanhada das seguintes palavras: Lembre-se de que sou seu superior.

E surgiu, assim, mais um ministro!

Sêbo!

O S. JOÃO

Decorreram insipidas, sem a animação doutros tempos, as festas em honra do Precursor.

O *banho santo* na barra esteve pouco concorrido.

A CRISE DA IMPRENSA

Papel a dois escudos o quilo?

Já vem de longe a crise da imprensa portuguêsa, mas nunca, como agora, ela atingiu um estado tão agudo e tão ameaçador. E' tudo a dificultar a sua missão. Tudo e entre as coisas peores o preço, sempre crescente, do papel—diz *A Patria*.

E como o preço do papel representa um dos factores mais importantes da vida dos jornaes, o novo diario lisbonense aborda um dos directores da Fabrica do Papel do Prado sobre este momentoso assunto, que, entrevistado, responde:

—Meu caro senhor: eu não sei o que lhe hei de dizer sobre a crise que a Imprensa atravessa porque, como deve compreender, isso não me interessa. Como industrial forneço o papel e... mais nada.

—Sim, concordamos, mas aos jornais é que interessa saber se o papel continuará a subir de preço.

—Ah! continua, não tenha duvidas. E não sei até onde essa subida irá parar.

—?!!

—Olhe: posso já dizer-lhe que a cotação do papel em Espanha era, em Abril ultimo, de 1 peseta e 66 centimos o quilo, o que, ao cambio do dia faz, na nossa moeda, 1$53. Está pois a ver... Isto em abril; agora por informações que temos a materia prima continua a subir ainda, o que nos faz prever que o preço do papel irá para 2$00 o quilo.

—Para os jornais, é já um preço exorbitante!—exclamámos verdadeiramente apavorados.

—Concordo. E asseguro-lhe que o nosso interesse não é fabricar papel para os jornais; esse é o que menor lucro nos dá! O papel está caro? E sabe o senhor por quanto estamos tambem a pagar a tonelada de carvão? A 250$00! Agora faça-se a conta á materia prima, ao aumento de salario do pessoal, á redução de horas de trabalho e compreender-se-ha porque razão o papel está caro.

—E bem caro, realmente!

—E os senhores porque não resolvem aumentar o preço da venda? Estou certo que o publico compraria o jornal, não a $05, mas até mesmo a $10. Em Espanha está a 20 cent.mos, o que faz, ao cambio actual, $19.5. Já vê... E mesmo procurem reduzir o consumo do papel, porque talvez em breve não o possa fornecer ás empresas com quem tenho contrato...

—Ora essa?! E porquê?

—Por esta razão simples; estamos a comprar o carvão carissimo e talvez ámanhã nem caro nem barato o possâmos arranjar e, se assim suceder, fatalmente teremos de reduzir em muito a produção ou até deixar de fabricar o papel. A este proposito deixe-me dizer-lhe que mandámos pedir para o ministerio do comercio autorisação para aproveitarmos umas quedas de agua de uns rios que passam perto de tres das nossas fabricas; pois até agora, e já lá vão quasi seis meses... ainda nem resposta! Mas o que lhe interessa é a vida dos jornais, dependente em grande parte do papel, não e verdade? Pois a esse respeito só lhe posso repetir o que já disse ao começo: o papel vai custar 2$00 o quilo e a nossa impressão é que não pára ai...

Escreve *A Patria* que depois desta bomba não quiz ouvir mais e apela para um congresso onde se poderá resolver a gráve crise e afastar a ameaça de dias temerosos para a imprensa. Concordâmos. Mas ha de ser nas seguintes condições: gastar-se o menor numero de palavras, fazendo substituir o superfluo por tudo quanto seja util, proveitoso e de imediata realisação.

Silva Cunha

Mais um que tomba, deixando na sua passagem pela vida um luminoso rasto de abnegação, civismo e ardente fé patriotica.

Morreu Antonio da Silva Cunha, o velho e austero republicano de sempre, que, no Porto, foi um desvelado amigo da pobreza e ao país deu inequivocas provas do seu valor como industrial, da sua actividade como homem de trabalho, da sua honradez como politico.

Era proprietario da conhecida *Camisaria Confiança*, da Rua de Santa Catarina, fundador do *Club Fenianos* e gosava no velho burgo, onde a Republica teve o seu primeiro baptismo de sangue, de geraes simpatias apesar da aparencia brusca, quasi rude que denotava.

Ultimamente tinha-se retirado da politica, enfileirando entre aqueles que, enojados com tanto impudor como o que aí vae espalhado nos arraiaes partidarios, preferem o remanso do lar a imiscuirem-se no tremedal de miserias em que a Republica se debate.

O Democrata inclinando-se ante o cadaver do indefectivel correligionario, envia á familia enlutada sentidos pêsames.

Notas mundanas

Consorciou-se em Vagos, donde é natural e tem aberta banca de advogado, o nosso estimavel amigo e ardoroso republicano, dr. Antonio Lucio Vidal, que escolheu para noiva uma menina de familia modesta, mas educação esmerada, muito prendada e possuidora de inequivocos dotes de coração e inteligencia.

Com os nossos parabens o desejo de que uma chuva de felicidades cdia incessantemente sobre o novo lar.

═══ Tambem em Leiria contraiu matrimonio com a sr.ª D. Maria das Dores Felix Pinto, dileta filha do nosso conterraneo sr. Guilherme Augusto Pinto, director da Agencia ao Banco de Portugal naquela cidade, o negociante sr. Manuel Simões.

═══ Teve o seu feliz sucesso dando á luz uma creança do sexo masculino, a esposa do nosso solicito correspondente de Verdemilho, sr. Manuel Duarte Maio, a quem felicitâmos.

O neofito foi baptisado na quinta feira, com o nome de Mario Duarte Maio, efectuando-se, após a cerimonia religiosa, um lauto banquete em casa dos seus progenitores que decorreu no meio da mais franca cordealidade e alegria.

O "Desertas,,

Como prova de reconhecimento nacional prestado ao capitão-tenente engenheiro maquinista, sr. Antonio Mendes Barata, a cuja competencia se deve o seu salvamento, tendo praticado um invulgar feito de engenharia e prestado um alto serviço á Patria e á Republica, foi, por portaria do Ministerio do Comercio e Comunicações, dado o nome de *Mendes Barata* ao vapor que este distintissimo oficial arrancou das areias da Costa Nova, onde naufragou e estava condenado a perder-se se não fôra a pericia com que o abalisado homem de sciencia dirigiu os trabalhos de que o incumbiram.

O *Camaleão* não gosta da homenagem, mas tenha paciencia. Nem tudo póde ser p'ra familia...

A scisão democratica

Documentos que constituem um libelo

Do sr. dr. Alvaro Guedes:

Ex.mos Senhores—Comunico a V. Ex.as, que deliberei desligar-me do P. R. P. que acompanhei desde a primeira hora em que se constituiu, dando-lhe todo o meu insignificante mas desinteressado concurso tanto nas horas de triunfo como nos periodos de adversidade.

Não deve ter grande interêsse para V. Ex.as o conhecimento das razões que me determinaram a esta atitude, mas devo significar-lhes que êste afastamento não foi provocado por qualquer ressentimento de ordem pessoal, mas única e exclusivamente por motivos de ordem politica.

Afasto-me na convicção de que procurei sempre cumprir os meus deveres partidários, mesmo os de criticar o caminho errado que algumas vezes seguiam os dirigentes dum partido, cuja missão julgo terminada na vida politica do meu País.

Ao P. R. P. nenhumas situações de favor eu devo, nem sequer a minha cadeira de deputado que o Directório me negou oficialmente, combatendo a minha candidatura, que vingou mercê do esfôrço de meia dùzia de amigos, a cujos intuitos patrióticos tenho procurado corresponder dentro dos meus acanhados recursos.

E ao despedir-me apresento a V. Ex.as respeitosos cumprimentos, fazendo ardentes votos pelas prosperidades da República e da Pátria, que estão acima de todos os interesses restritamente partidários.—Desejo a V. Ex.as Saúde e Fraternidade.
—Alvaro Guedes.

Dos deputados pelo circulo do Funchal:

Ex.mos Senhores:—Temos o sentimento de comunicar a V. Ex.as que, a partir dêste momento, nos desligamos do Partido Republicano Português, a que temos dado o melhor do nosso esfôrço politico, lutando e trabalhando pela sua consolidação, engrandecimento e prestigio.

Factos dolorosos nos levaram ao convencimento de que a dentro do Partido em que temos militado, correntes várias se estabeleceram, impeditivas duma sólida organização e determinantes de perturbações na acção politica do Partido, com lamentável reflexo nos interesses e na vida do País, por tal modo que nós, representantes da Madeira, no Parlamento, nem conseguimos ver atendidas as questões capitais que aquêle arquipélago tão justamente reclama, sendo baldados os nossos melhores e constantes esforços.

Por forma bem iniludivel comprovámos que a nossa suprema aspiração consiste em bem servir o País e as suas instituições republicanas. Compreendendo, porém, que a actual situação do Partido não corresponde as necessidades dum nem ao prestigio das outras, cumprimos o patriótico dever de nos afastarmos, recobrando a nossa liberdade, para a pôrmos, como julgarmos mais eficaz, ao serviço da Pátria e da República.

Somos, com toda a consideração,

De V. Ex.as
Mt.o At.os e Vea.res

(aa) Américo Olavo
Carlos Olavo
Pedro Pita
Vasco Gonçalves Marques

Dr. Joaquim Castro

Foi promovido a juiz e colocado, como desejava, na Ilha de S. Jorge, Açores, para onde partirá brévemente com sua familia, o delegado na Vila da Feira, nosso presado e velho amigo, dr. Joaquim Antonio de Azevedo e Castro.

Com afectuosos parabens, o ardente desejo de um dia o voltarmos a ver de novo no continente a distribuir justiça com aquela rectidão só propria dos grandes caractéres, e que, felizmente, ainda é a mais apreciavel, apezar da corrupção ter evadido, neste desgraçado país, quasi todos os meios até ha pouco considerados intangiveis.

ANTONIO MADAIL

A' hora em que se concluía a paginação do *Democrata*, fomos ontem agradavelmente surpreendidos com a visita do nosso excelente amigo e acreditado negociante no Congo Belga, sr. Antonio dos Santos Madail.

Vem ao cabo de 12 anos de trabalho descançar algumas mezes na sua querida aldeia—Verdemilho—onde tem familia que o estremece, amigos que lhe querem e ao seio de quem regressa vigoroso, de bôa aparencia e com alguns meios de fortuna, agora muito precisa para se poder resistir á soma de sacrificios que a vida custa.

Em extremo gratos a Antonio Madail pela sua cativante amabilidade, aqui lhe significâmos uma vez mais o apreço em que é tido tambem nesta casa que nunca deixou de acolher com intimo regosijo todas as noticias respeitantes á sua felicidade.

OS PRESOS

Por um diploma ultimamente inserto na folha oficial, acaba de ser regulamentado o trabalho dos individuos condenados a prisão correcional, os quaes poderão ser requisitados para serviços municipaes ou particulares, de preferencia na séde das comarcas, e nos quaes se ocuparão desde o nascer ao pôr do sol. Vencerão um salario do qual duas terças partes serão destinadas ao pagamento da despêsa com a sua alimentação e a outra entregue a pessoa de sua familia. As mulheres serão as encarregadas da limpesa e lavagem da cadeia. E assim acabará a ociosidade, mãe de todos os vicios, se é que, na pratica, isto vier a dar alguma.

Serviço Farmaceutico

Encontra-se ámanhã aberta a *Farmacia Moura.*

A VIDA

Estivêmos dias consecutivos a alimentar-nos com pão, producto de farinha estragada, cheirando mal e mal nos fazendo, pão absolutamente improprio para consumo sem que ninguem d'isso quizesse saber. Só se poz termo a um tal estado de coisas quando os consumidores resolveram negar-se, por completo, á sua compra.

Na espectativa da falta absoluta de quem adquirisse o *magnifico* producto, porque a recusa tornou-se geral—felizmente para a ordem publica e para a tranquilidade dos humanos negociantes—sem outra consequencia de maior, terminou o fornecimento de tão belo alimento, aparecendo pão de farinha aceitavel, mas, em compensação, com uma falha tão notavel no tamanho, que se póde dizer, sem receio de errar, que tem metade do pezo e da grandeza do anterior.

Tambem ninguem se importa com isso, nem, a quem compete, procura saber da razão do facto, que representa um agravamento formidavel da vida.

Anteriormente o pão da fabrica Cristo era o regulador benefico e o torpeço constante dos impetos gananciosos de quantos para cada vez mais se enriquecerem, submetem a população da cidade a todo o processo d'extorção.

Actualmente a fabrica, mudando de direcção, perdeu á antiga e protetora preponderancia e acompanha a... triste marcha dos acontecimentos.

Podem argumentar que a farinha está mais cara; por nossa vez poderemos argumentar que a elevação de preço não corresponde áo peso do producto.

Quem nos pode dizer o custo do quilo do pão?

Misterio! Este ponto foi sempre misterio, que ninguem procura nem quer desvendar.

Por toda a parte se deseja suster os impetos insaciaveis e criminosamente gananciosos de quantos, sem escrupulos, não se cançam, sob todos os pretextos, de explorar o publico. Nesta abençoada terra ninguem se encomoda com taes ninharias.

A nossa bolsa, já mais que exausta, e a nossa saude, estão nas mãos de meia duzia de individuos que ai teem enriquecido á custa de todas as nossas torturas, passeando impunemente o seu fausto e olhando-nos com a sobranceria propria dos que tem as costas quentes.

* * *

Mas... não é só com o pão que tal sucede.

Onde tambem o desaforo toca as raias do inconcebivel é na praça do peixe, que nos pedem 2 centavos por cada pequena sardinha salgada e dez centavos por cada chicharro egualmente salgado!

Por um prato deste conducto—faça-se ideia—vimos, ha dias, pagar nada menos de dois escudos e vinte centavos!

Para o almoço ou jantar de 4 pessoas!

Não exageramos. E contudo o sr. governador civil continua ausente, autoridade administrativa é como se não existisse e tudo assim vai e tudo assim fica sem haver quem ponha um travão a tanta ladroeira.

E' de mais. Se bem que dessa choldra que para ai existe não haja a esperar outra coisa.

O Democrata vende-se em Lisboa na *Tabacaria Monaco*, ao Rocio.

NECROLOGIA

Faleceram nesta cidade, Diolinda Augusta Pereira da Cruz, casada, de 57 anos, Placida Pinho Soares, divorciada e Rosalina dos Santos Freire, solteira, de 68 anos.

Em Vilar deixou tambem de existir, o abastado lavrador sr. Manuel Matias, sogro do sr. Antonio Gonçalves Rei.

As nossas condolencias.

COSTA DO VALADO

Nesta redação deu entrada uma carta do correspondente do *Seculo* na Costa do Valado onde o mesmo declara não ser da sua autoría, mas sim do proprio jornal, o que aquele diario inseriu ácerca de deficiencias no serviço do correio a cargo da sr.ª D. Cacilda Dias, serviço que aliás não póde ser melhor desempenhado, como muito bem escreve a pessoa que se nos dirige, concordando comnosco, embora mais abaixo pretenda empanar um pouco a sinceridade das suas afirmações, tão preocupado se encontra com a falta que julgou cometer. Ora a falta do correspondente do *Seculo* não passa duma coisa simples e sem importancia alguma: quiz mandar uma determinada quantia ao jornal de que tambem é agente, mas escolhêu precisamente o dia em que na estação da Costa se não emitem vales por ter de vir a Aveiro o livro do registo. De aí os seus injustos reparos, e, como consequencia, o *Seculo* vir logo falar na *deficiencia do serviço do correio* naquela localidade *onde não ha, normalmente, vales á venda!* Pois não. Pelo menos um dia na semana, ás terças feiras, fiquem sabendo o *Seculo* e o seu correspondente, não ha vales á venda. Mas isso atribui-lo á dignissima encarregada da estação é o mesmo que nos responsabilisarem pelas asneiras... do sr. Antonio Maria da Silva...

E mais nada. Mesmo porque já nos alongámos demasiado a tratar dum assunto que só a ignorancia e a precipitação do jornal de Lisboa podiam chamar-nos a discutir, mas sem o que não teriamos ensejo de pôr a coberto de qualquer suspeita a sr.ª D. Cacilda Dias, zelosa encarregada dos serviços telegrafo-postaes da Costa do Valado, onde, certamente, continuará a fruir a simpatia publica, não obstante o desejo em contrario manifestado pelo reduzido numero dos seus detractores.

CORRESPONDENCIAS

Verdemilho, 10

(Retardada)

Decorreu sem grande entusiasmo a eleição da Junta da freguesia de Aradas que ficou assim composta: Bernardo Alves Pereira, Casimiro dos Santos Madail, Jose Augusto Baptista e Antonio de Almeida Vidal, efectivos; *Antonio Nunes da Ana, Abel João Branco, Manuel dos Santos Capela, Manuel Sarrico Deus e Manuel Dias Pereira,* substitutos.

—Vimos neste logar o sr. Candido Soares, cirurgião dentista em Aveiro e o chefe da estação postal da mesma cidade.

—Tem estado doente o sr. Simões Ratola.

—Encontra-se restabelecido o sr. Manuel dos Santos Madail, considerado industrial.

C.

O Democrata vende-se em Aveiro no *Quiosque Raposo*, da Praça Marquês de Pombal.

"O Democrata,,

Assinaturas

(Pagamento adeantado)

Portugal, ano	1$60
Semestre	$80
Colonias, ano	2$50
Brazil e estrangeiro (ano) moeda forte	4$00
Avulso	$05

Anuncios

Por linha (1.ª pagina)	$30
« (2.ª pagina)	$15
Comunicados	$20

Contagem pelo linometro corpo 8. Permanentes, contrato especial.

Juizo de Direito da Comarca de Aveiro

ÉDITOS

1.ª PUBLICAÇÃO

NESTE Juiso de Direito, escrivão Marques, segue seus termos uma acção de divorcio que Berta Gomes Craveiro, domestica, de Ilhavo, move contra seu marido Antonio Francisco Corujo, capitão da marinha mercante, de Ilhavo, mas ausente em parte incerta, em que aquela pede que o divorcio seja decretado com os fundamentos dos n.os 2 e 4 do artigo 4 do Decreto de 3 de Novembro de 1910, com custas e selos pelo reu. Por isso correm éditos de 40 dias a contar da 2.ª e ultima publicação deste anuncio, citando o referido reu para os termos da acção e para a segunda audiencia deste Juizo posterior ao termo dos éditos vêr acusar a citação, seguindo os mais termos do processo.

As audiencias neste Juiso fazem-se na sala do tribunal judicial da comarca pelas 11 horas de todas as segundas e quintas feiras de cada semana, ou nos dias imediatos sendo aqueles feriados.

Aveiro, 16 de Junho de 1920.

Verifiquei:
O Juiz de Direito,
Pereira Zagallo

O escrivão,
Francisco Marques da Silva